

RECADO DE PARIS

PARIS, janeiro — O artigo mais discutido no momento é o que foi escrito por Julien Gracq na revista "Empédocle". O título é "La Littérature à l'estomac" e o texto é de uma grande violência ao examinar aspectos da vida literária francesa de hoje. Julien Gracq tem, com frequência, muita razão. Assim por exemplo quando mostra a exploração do turismo internacional pela falsa literatura dos cafés, o abuso de edições de luxo que se compra como se joga no "mercado a termo", e distância cada vez maior entre o público e um certo tipo de literatura que entretanto faz um amplo estardalhaço de publicidade. Para o autor "a verdade é que a literatura é, de alguns anos para cá, vítima de uma formidável campanha de intimidação por parte do não-literário, o do não-literário mais agressivo."

Ele se refere não apenas à metafísica com todos seus "kierkegardistas" como também ao que chama a "Boa Imprensa" da extrema esquerda, que derruba e ergue ídolos literários de um dia para outro. Ataca a distribuição de certos prêmios literários, a formação equivocada de certas glórias subitas, o abuso de certos "trucs". Nunca se falou tanto de literatura na França, e entretanto "um profundo ceticismo reina sob a excitação de parada dos cafés literários".

Embora às vezes exagerado, o autor do artigo tem, em suma, razão, pelo menos do ponto de vista dos que ainda acham a literatura uma coisa séria.

Acontece que André Breton citou um trecho desse artigo na carta em que respondeu a um amigo que o sondava sobre se aceitaria, este ano, o Grande Prêmio Cidade de Paris. Esse seu amigo, Thirion, conselheiro municipal e membro do júri, disse ter consultado os colegas e achado uma boa acolhida para o nome do "papa do surrealismo".

Breton recusa os 300 mil francos e a glória municipal, e depois de citar um trecho (intraduzível para um jornal brasileiro de leitura familiar) de Julien Gracq, acrescenta: "Nos tempos em que vivemos creio que, para o escritor e o artista, o mais precioso dos bens, cuja perda nada pode compensar, é a independência."

Escrevendo no "Figaro", André Billy diz não ver porque, nem como, Breton perderia sua independência aceitando o prêmio. "As honras e as recompensas não implicam, em um regime democrático, em nenhum compromisso tácito ou formal que prejudique a independência dos que as recebem. Estes podem a qualquer tempo devolver a Legião de Honra ou pedir a demissão da Academia em que entraram. Breton poderia devolver os 300 mil francos no dia em que sentisse necessidade de escrever coisas desagradáveis contra a cidade de Paris."

E Billy avança que não acredita muito na "independência" dos que seguem uma carreira pública, mesmo como professores — como é, assinala com maldade — o caso de Julien Gracq. Acredita sim na revolta sincera dos antigos, dos Villiers de l'Isle Adam, dos Verlaine, dos Baudelaire, dos Gérard de Nerval, nos homens de destino "autenticamente trágico" que não eram contribuintes da Previdência Social...

10-2-50

R. B.